



RESENHA

FERRARIZI JÚNIOR, C.; MOLLICA, M.C (Org.). *Sociolinguística, Sociolinguísticas: Uma introdução*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

Zilda Dourado Pinheiro (UEG)

A ecolinguística é um ramo da ecologia que estuda os fenômenos da linguagem segundo as categorias ecológicas da diversidade, adaptação, holismo, evolução, sustentabilidade, abertura, porosidade, relações ecológicas harmônicas e relações ecológicas desarmônicas. Atualmente, muitos pesquisadores e simpatizantes dessa disciplina estão fazendo questionamentos sobre sua metodologia. A proposta é a de analisar a interação linguística enquanto totalidade, dentro do ecossistema linguístico, em suas dimensões social, mental e natural. Assim, um estudo em ecolinguística pode se valer das categorias de análise da ecologia e estabelecer diálogo com outras disciplinas para compreender o objeto de estudo em sua totalidade. A ecolinguística adota uma metodologia ecológica, que pode se estender a uma multimetodologia, motivo pelo qual ela é considerada uma epistemologia holística.

De acordo com essa proposta multimetodológica, pesquisadores de outras linhas de pesquisa da linguística podem trabalhar em conjunto com os ecolinguistas, partindo de suas próprias contribuições teóricas. Nesse contexto, aparece o livro de ensaios “*Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*”, organizado de Maria Cecilia Mollica e Celso Ferrarezi Júnior. Trata-se uma obra introdutória com dezoito artigos, cada um deles sobre os diversos campos de estudos da sociolinguística áreas afins, tais como a pragmática e a própria ecolinguística. Com a proposta de apresentar as diferentes sociolinguísticas e suas áreas afins, o livro permite reconhecer também como a ecolinguística consegue dialogar com diferentes campos de estudo linguísticos.

ECO-REBEL

Na apresentação do livro, os organizadores destacam que o surgimento da sociolinguística, a partir da pesquisa de William Labov sobre os falares negros nos EUA, permitiu um refinamento no estudo da língua em uso, levando em consideração fatores históricos e sociais que, de diferentes maneiras, podem interferir na comunicação e no sistema linguístico. Desde então, a sociolinguística expandiu os seus domínios para outras áreas como as da aquisição da linguagem, análise do discurso, linguística cognitiva, linguística aplicada ao ensino de português, linguística textual, línguas indígenas e a pragmática.

O primeiro artigo do livro é o de “Dialetoлогия”, escrito por Suzana Alice Cardoso. Ele apresenta essa disciplina ainda muito próxima da sociolinguística variacionista laboviana. De acordo com Cardoso, por meio de pesquisa quantitativa e qualitativa, a dialetoлогия descreve e analisa as variações dialetais em sua distribuição espacial, levando em conta as características sociais, de idade, de sexo e de escolaridade dos falantes. Essa disciplina também dialoga com a geolinguística para apresentar os dados em forma de mapa ou cartográfica, motivo pelo qual os principais trabalhos da dialetoлогия estão relacionados com a confecção de atlas linguísticos de diferentes países e regiões, como é o exemplo do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALIB).

O segundo artigo é “Mudança em tempo real e em tempo aparente”, escrito por Maria da Conceição Paiva. Nesse trabalho, a autora segue a tradição do estudo da variação linguística pela Sociolinguística laboviana. Dentro dessa perspectiva, toda mudança na língua pode ser estudada como um produto acabado e como um processo em curso. É dessa maneira que se faz a distinção entre mudança linguística em tempo real e mudança linguística aparente. O primeiro caso de mudança ocorre quando uma forma linguística apresenta uma diferença em seu uso ao longo da história, como é o clássico exemplo do pronome pessoal “vossa Mercê/vosmecê/você”. O caso de mudança em tempo aparente é se dá quando há uma forma em uso pela comunidade mais jovem, mas que não se realiza com a mesma frequência entre a população mais velha, sendo apenas um indicativo de mudança que pode (ou não) se concretizar no uso da língua. É o caso das gírias, jargões ou algumas construções sintáticas. Portanto, o estudo da mudança linguística implica também a descrição da variação linguística tanto em relação a um grupo social quanto a cada um de seus membros. Essa constatação permite reconhecer diferentes mudanças em curso, por meio das variações que coexistem em uma mesma comunidade de fala.

A partir do terceiro artigo, o livro começa a apresentar os campos de estudos da sociolinguística que dialogam com outros campos da linguística. O texto “Sociolinguística

“Paramétrica””, de Maria Eugênia Duarte, constitui uma proposta de estudar a variação linguística em consonância com a gramática de princípios e parâmetros, tal como proposta pelo gerativismo de Chomsky. Duarte relata que o professor Fernando Tarallo foi o primeiro linguista brasileiro a propor esse tipo de estudo, um exemplo de aplicação apresentada por ele foi a do sujeito nulo em todas as línguas naturais. Como postula a gramática de princípios e parâmetros, todas as línguas apresentam uma posição estrutural de sujeito, contudo, cada uma delas apresenta uma forma bem específica de fazer essa marcação. Como se percebe até aqui, o texto trabalha com os universais linguísticos, seguindo o gerativismo; o estudo da variação se dá pelo modo como essas formas universais aparecem em cada uma das línguas do mundo. Por isso a Sociolinguística paramétrica investiga o modo como acontece a mudança ou a remarcação dos valores dos parâmetros presentes na gramática universal. Essas mudanças podem ocorrer no curso da história, em um processo de mudança linguística lenta e gradual, em que diferentes formas de marcar um valor paramétrico podem coexistir no uso da língua.

Sobre o texto de sociolinguística paramétrica é importante salientar ainda que a tendência é de sempre estabelecer um contraste entre os estudos gerativistas, o formalismo, com os estudos funcionalistas, o funcionalismo. O livro segue essa tradição ao apresentar em seguida o artigo “Sociofuncionalismo”, escrito por Maria Maura Cezário, Priscila Mouta Marques e Jussara Abraçado. Assim, se para o gerativismo a estrutura gramatical é essencialmente virtual e presente na mente dos falantes, para o sociofuncionalismo ela está presente em uma situação real de comunicação, constituída pelos participantes, pelo objetivo da interação e pelo contexto discursivo. Nesse sentido, o sociofuncionalismo aceita a ideia de que a gramática é afetada pelo uso/discurso da comunicação.

Esse texto, “Sociofuncionalismo”, defende que as formas linguísticas podem exercer diferentes funções em diversos contextos de uso. Assim, o léxico e a gramática não são considerados separadamente, na verdade, eles são estudados a partir de um processo chamado de gramaticalização, de acordo com o qual alguns itens lexicais podem exercer função gramatical e alguns itens gramaticais podem exercer função lexical. Esse processo pode ser marcado tanto pela morfossintaxe quanto pela semântica, tudo depende do contexto de uso onde a palavra aparece. Por essa percepção das formas linguísticas e seus papéis na comunicação, a variação linguística é explicada como um dos motores desse processo de gramaticalização.

Em seguida vem o ensaio de Cristina Abreu Gomes, “Sociolinguística e aquisição da linguagem”. Nesse texto, há uma reflexão sobre como o processo de aquisição de

linguagem pode ser compreendido pela sociolinguística variacionista laboviana. Assim, a língua é dinâmica, heterogênea, apresenta variações em diferentes locais e contextos de uso. Do mesmo modo se constitui o processo de aquisição de linguagem por parte do falante. As pessoas adquirem a variação linguística do seu grupo social. Por essa proposição, um estudo de aquisição de linguagem em sociolinguística leva em consideração os valores sociais do ambiente, a relação da criança com os pais e outras pessoas mais próximas, o comportamento dos adultos com as crianças e demais fatores sociais que possam ser relevantes para compreender o processo de aquisição.

Após esse artigo, aparece o trabalho de Dante Lucchesi “Crioulística”. Essa disciplina estuda as línguas pidgins e crioulas que se formaram nas situações de comunicação emergencial na expansão europeia dos séculos XVI e XIX. Ao descrever os processos de criouliização e pidginização, o texto chama a atenção para os aspectos políticos e econômicos dos povos em contato, assim como para alguns fatos históricos determinantes para a formação dessas línguas.

Outro artigo que trabalha com línguas em situações de contato entre povos é o da Maria Célia Lima-Hernandez: “Sociolinguística e línguas de herança”. Por língua de herança entende-se aquela aprendida por filhos e netos de imigrantes. Além da língua, eles podem aprender a cultura e a identidade da comunidade dos seus antepassados. Dessa maneira, o texto faz uma discussão importante sobre a relação entre língua e cultura, pois o modo como a cultura valoriza a língua do imigrante interfere muito na construção identitária das pessoas estrangeiras e de seus descendentes. O texto traz como exemplo o caso da China, em que diferentes grupos falam uma língua própria, mas estudam o mandarim na escola.

Sobre essa relação língua, sociedade e cultura, o artigo “A sociolinguística e os estudos da interação”, de Maria do Carmo L. de Oliveira e Maria das Graças D. Pereira, apresenta o diálogo que a sociolinguística estabelece com as abordagens da teoria social. Esse campo de estudos subdivide-se em outras duas linhas de pesquisa: a sociolinguística interacional e a análise da conversação. De acordo com Oliveira e Pereira, a sociolinguística interacional (SI) apresenta uma interpretação dos processos interacionais a partir das diferenças culturais que podem constituir a comunicação. Por essa abordagem, essa disciplina também estuda as relações da interação com a ordem macro do discurso. Já a análise da conversação (AC) analisa como a linguagem engendra o mundo social. A partir de um estudo etnometodológico, a AC analisa nas sequências e turnos de fala como as ações dos falantes são construídas intersubjetivamente. Uma das categorias de análise

relevante para ambas teorias é a questão da identidade do falante: a SI a compreende como um processo imutável percebido pelos processos comunicativos; a AC entende a identidade como uma atividade situada, associada a uma categoria proposta no curso da interação.

Essa proposta de a Sociolinguística dialogar com teoria social também aparece no artigo de Tânia Clemente de Souza, “Sociolinguística e análise do discurso”. O texto trabalha com a análise do discurso (AD) desenvolvida por Michel Pêcheux, na França, na década de 1960. De acordo com Souza, a sociolinguística estuda a variação a partir da interação entre os níveis sintáticos, lexicais e morfológicos de uma língua em uso. Com a AD, é possível tematizar essa interação e estendê-la para a análise dos processos enunciativos e discursivos que também engendram um texto, uma fala na oralidade. O discurso é concebido como uma materialidade de base linguística e ideológica; nesse sentido, o estudo da variação também pode ser sustentado por uma abordagem discursiva. Em relação à ideologia, a AD teoriza que todo discurso obedece algumas regras de formação, as condições de produção (quem diz, onde diz, para quem diz, por que diz e como diz); dessa maneira, as variações linguísticas também podem ser estudadas por essas condições de possibilidades. Além disso, por meio delas, também se reconhecem traços sociais e ideológicos que sustentam os discursos em circulação no meio social.

Ainda com a proposta de a Sociolinguística dialogar com algumas abordagens do social, o artigo “Sociolinguística cognitiva”, de Lilian Ferrari, propõe um estudo da interação a partir da confluência entre a sociolinguística e a linguística cognitiva. O objetivo da sociolinguística cognitiva é o de estudar o uso da língua pelos fatores sociais e culturais em conformidade com os fatores cognitivos, que consideram a mente individual nos processos de interação entre os falantes, assim como em relação aos papéis sociais e aos processos cognitivos. Assim, o estudo da variação linguística se dá pela análise da inter-relação entre os aspectos sociais e cognitivos, a partir de métodos quantitativos e multivariacionais.

Seguindo-se a esse texto, o artigo “Sociolinguística e línguas indígenas brasileiras”, de Lilian Abram dos Santos, propõe um estudo sociolinguístico da situação das línguas indígenas e de seus povos no Brasil. Trata-se de um diálogo com a linguística descritiva e com a tipologia linguística. Dessa maneira, o contato linguístico entre diferentes línguas indígenas, assim como destas com a língua portuguesa, pode ser estudado também pelos fatores socioculturais dos grupos indígenas, a fim de compreender aspectos das variações linguística, cultural e social. Santos destaca três pontos relevantes para o estudo das

línguas indígenas dentro da sociolinguística: a variação, a tipologia e políticas de revitalização da língua. Nesse sentido, a autora argumenta que, por si só, a pesquisa não garante que a língua e a cultura de um grupo indígena sejam preservadas, mas dá visibilidade dentro da academia; e o registro delas também contribui para a realização de políticas linguísticas que favoreçam os grupos indígenas.

Ainda sobre grupos sociais de diversos tipos e etnias, o artigo de Stella Maris Bortoni-Ricardo, “Paradigma das redes sociais nos estudos sociolinguísticos”, demonstra como o paradigma das redes sociais estuda a variação linguística em meio social. De acordo com a autora, as redes sociais são os círculos de relações das pessoas entre si, como amigas, parentes, ocupando papéis que exercem muita influência no momento da comunicação. O estudo dos círculos sociais envolve a descrição das estruturas topológicas, o número das relações sociais e sua organização, e das estruturas funcionais, o fluxo e o conteúdo da informação, assim como os papéis sociais e as normas. Por meio desse paradigma das redes sociais, Bortoni-Ricardo também propõe uma pedagogia de leitura em sala de aula por meio de atividades que capacitem os alunos a ser leitores autônomos.

Seguindo essa proposta de pensar a sociolinguística para a sala de aula de língua portuguesa, o artigo “Sociolinguística aplicada à educação”, de Lucia Cyranka, discute como as questões de variação e mudanças linguísticas interferem no ensino de língua portuguesa, uma vez que existe uma zona conflituosa do dialeto do aluno com a norma padrão, o que gera o preconceito linguístico, aquele que estigmatiza qualquer variedade que não seja a da gramática normativa. Nesse sentido, a sociolinguística educacional contribui para mostrar ao aluno o caráter heterogêneo da língua, a importância dos dialetos para a sua constituição, para que ele desenvolva crenças positivas sobre as diferenças dialetais do português. Cyranka propõe atividades de sala de aula para a identificação das diferenças dialetais e de diferentes empregos da norma padrão em gêneros orais e escritos, a partir da realidade sociolinguística dos alunos.

A proposta da Sociolinguística educacional em sala de aula também enfatiza a importância de esse campo de estudo ser trabalhado nos cursos de formação de professores. O artigo “A importância da sociolinguística educacional na formação docente educacional continuada” propõe que os professores estudem alguns aspectos da pedagogia da variação, tal como proposta por Bortoni-Ricardo, para que a diversidade linguística da língua portuguesa possa ser trabalhada em sala de aula de modo coerente e eficaz. Só assim o aluno poderá se sentir mais seguro com o seu próprio dialeto e com o uso da norma padrão.

Após essa discussão sobre sociolinguística e ensino de língua, o artigo intitulado de “Sociolinguística e texto” apresenta uma nova discussão. Vera Paredes Silva propõe um diálogo da sociolinguística com a linguística textual (LT). A ideia é a de aliar o estudo do texto com o estudo da variação; enquanto a LT estuda os mecanismos de textualidade que o autor mobiliza para escrever um texto, a sociolinguística pode contribuir para mostrar as regularidades/sistematicidades desses mecanismos de acordo com a variação que sustenta a materialidade textual.

Os dois últimos artigos do livro são sobre a Pragmática. O artigo de Kanavillil Rajagopalan, intitulado “Pragmática”, apresenta um panorama geral da disciplina e de seu objeto de estudo. A pragmática é uma disciplina que estuda a língua em um contexto, na busca de entender como os sentidos se constituem em um meio cultural e, por essa constituição, também constroem as ações das pessoas, pois, para essa teoria, a linguagem é ação. Já o artigo de Tommaso Raso, “Aspectos sociais e pragmáticos da linguística corpora”, apresenta uma nova metodologia para a pragmática e para a sociolinguística. Segundo Raso, a linguística de *corpora* é uma metodologia investigativa que aplica tecnologias computacionais no estudo de grandes bancos de dados linguísticos. Ela se subdivide em três tipos, a saber, (i) a *webcorpora*, de fazer *download* de textos na internet; (ii) os textos escritos em circulação no meio social e (iii) os *corpora* de fala, transcrição com áudio, ou com vídeo, de dados coletados em conversas com informantes. Portanto, trata-se de uma abordagem que visa a facilitar a coleta e a análise dos dados da sociolinguística e da pragmática.

Todos esses artigos do livro “Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução” demonstraram a relevância de um estudo linguístico que alie diferentes abordagens na compreensão da língua em uso. Dentro dessa proposta, o artigo de Hildo do Couto, “Ecolinguística”, de certa forma sumaria o todo da obra. Com efeito, a ecolinguística estuda as inter-relações de um povo interagindo linguisticamente em um território. Por essa perspectiva, a língua é entendida como a própria interação. Ela é vista como inserida em um ecossistema composto por mais três outros com respectivos meios ambientes: (i) o mental, referente à língua como uma realidade mental, formada, armazenada e processada na mente dos falantes; (ii) o social, formado pelos indivíduos congregados em uma coletividade dentro do meio social e (iii) o natural, compreendendo o território onde a comunidade vive e interage no dia a dia. De acordo com Couto, a sociolinguística dialoga com a ecolinguística no estudo do meio ambiente social da língua, para entender como os

fatores sociais interferem nas variedades linguísticas encontradas em determinada comunidade de fala. A ecolinguística acrescenta a dimensão mental e a natural.

Pela leitura do livro, o diálogo entre sociolinguística e ecolinguística pode ser fundamentado na concepção de língua defendida por esses dois campos de estudo da linguagem. Os estudos da variação linguística, preconizados por William Labov e todo o crescimento da teoria sociolinguística a partir da contribuição de outras linhas da linguística, são muito relevantes, contudo, eles mantêm a definição de língua como sistema. Um sistema que tem uma organização própria e varia de acordo com as interações sociais dos falantes; por esse motivo, o sistema pode mudar em alguns aspectos lexicais, morfossintáticos e fonológicos. Na ecolinguística, Couto mostra que o núcleo da língua é compreendido como uma ecologia da interação comunicativa com as suas regras interacionais, das quais a língua como um sistema (regras sistêmicas) é apenas uma parte, pois só a estrutura linguística, por si, não faz com que a comunicação entre os falantes seja eficiente, pois eles sempre mobilizam aspectos proxêmicos, cinésicos e outros recursos extralinguísticos, principalmente na comunicação oral. Portanto, a ecolinguística abre diálogo com a sociolinguística porque também ela compreende o funcionamento das regras sistêmicas em um meio social.

Por essas considerações, pode-se compreender a proposta multimetodológica da ecolinguística. O estudo da língua como interação também envolve a análise da estrutura linguística. Por essa razão, as categorias de análise da sociolinguística, tais como a variação e a mudança linguísticas, podem ser associadas às categorias de análise da ecolinguística, tais como a diversidade e a adaptação das línguas. Em concordância com a proposta do livro, a ecolinguística também defende uma visão da língua mais abrangente e diversificada, de modo a promover um estudo dos fenômenos linguísticos em sua totalidade. É assim que a ciência da linguagem pode evoluir, congregando teorias e pesquisadores para a compreensão dos mecanismos linguísticos e interacionais mobilizados pelos falantes na comunicação.

Recebido: 25/07/2016.

Aceito: 06/08/2016.